



RETIRANTES Famílias de aticuns deixam sertão pernambucano para trabalhar, como hóspedes, em terra pouco fértil dos terenas

Índios fogem da seca e se instalam em MS

Caio Esteves/Folha Imagem



A retirante Luiza Conceição Vicente, 51, da etnia aticum, segura foto de seus sogros, que ficaram no Nordeste

RUBENS VALENTE
da Agência Folha, em Nioaque (MS)

Índios retirantes, 12 famílias de aticuns —entre 60 a 80 pessoas— fugiram da seca no sertão de Pernambuco para trabalhar a 3.400 km da aldeia natal, como hóspedes do povo terena, em Mato Grosso do Sul.

Eles estão numa terra pouco fértil, em Nioaque (185 km a sudoeste de Campo Grande). Os aticuns —que os terenas logo batizaram de “terra-seca”— começaram a chegar há cerca de 13 anos.

O primeiro do grupo a deixar a aldeia no município pernambucano de Floresta (500 km a oeste de Recife) foi Aliano José Vicente, 48.

Ele ficou sabendo, vagamente, que um primo tinha vindo para “o sul” tentar um “lugar mais chovedouro”, como ele diz.

Primeiro Vicente foi para o Paraná, onde trabalhou como bóia-fria, mas não gostou. “Tinha muita ‘passação’ de veneno na lavoura”, afirma.

Vicente voltou a Pernambuco, trabalhou mais três anos na terra da serra de Umã, onde fica parte dos 16.290 hectares da Área Indígena Aticum (“minha aldeia fica

no alto, e lá embaixo o sertão bravo”, narra Vicente), mas não conseguiu vencer a seca.

“A vivência no Nordeste é sofrida”, diz. O aticum foi então ao Mato Grosso do Sul conhecer a área indígena de Nioaque, hoje com 3.029 hectares e 1.112 terenas.

Autorização

Conversou com as lideranças e pediu um lugar para ficar. Os terenas colocaram o assunto em discussão numa assembléia. Vicente foi autorizado a se instalar na área dos terenas um mês depois.

Aos poucos, foi trazendo seus 11 filhos e a mulher, também aticum, Luzia Conceição Vicente, 51. Aos nordestinos, foi destinado um canto da aldeia Água Branca.

O pedaço de mato, que os aticuns abriram a golpes de machado, hoje tem nome, aldeia Cachoeirinha. A agricultura logo se

revelou um novo desafio, que está sendo enfrentado com mais sucesso do que no Nordeste. “A terra aqui é muito fraca, mas é melhor do que a melhor terra de lá”, disse Vicente, 48, que hoje conta 3.000 covas de cana-de-açúcar, um alqueire de milho, ramas de mandioca e batata-doce e 20 vacas (duas leiteiras).

É bem mais do que o jumento que ele usava para transportar água no Nordeste e os dois cabritos que criava. No sertão, diz o aticum, era plantar e perder, pois faltava água até para beber.

Como a terra de Nioaque não é ideal, de tempos em tempos seus filhos também saem para procurar sorte melhor, mas até hoje têm voltado sempre.

José, 27, já pegou malária em Rondônia e retornou há poucos dias para acompanhar a gravidez da mulher.

21 mil sofrem com estiagem

Editoria de Arte/Folha Imagem

da Agência Folha, em Nioaque

A Área Indígena Aticum, em Floresta (PE), de onde saíram os índios que hoje vivem em Mato Grosso do Sul, está entre as áreas consideradas pela Funai (Fundação Nacional do Índio) mais atingidas pela seca neste ano.

O administrador regional da Funai em Pernambuco, José Osório Galvão de Oliveira, 38, disse que há oito meses o governo federal distribui cestas básicas na aldeia, mas em número insuficiente.

Há casos de anemia e verminoses entre os 2.744 índios da área, segundo Oliveira.

O administrador da Funai relatou que parte da aldeia vem sendo atendida com carros-pipa, mas “em condições precárias”.

“As prefeituras, que poderiam ajudar, já têm dificuldade para atender os moradores das cidades”, disse Oliveira.

Dos 23 mil índios de Pernambuco —quarto Estado em população indígena—, 21 mil estão no sertão e sofrem os efeitos da seca.

Eles são das etnias fulni-ô, pan-cararu, xucuru, capinauí, trucá, tuxá e cambiuá, além dos aticuns.

A Funai não recebeu comunicação oficial da saída espontânea dos índios de suas aldeias, mas o administrador não considera difícil



isso estar acontecendo.

“Os índios pedem frentes de trabalho, então pode ser que estejam saindo para trabalhar”, afirmou Galvão de Oliveira.

A área aticum fica na região conhecida como “Polígono da Machona”, considerada a maior produtora da droga no país.